

81/37/86

CINE-JORNAL



ANO I - N.º 24 — 30 DE MARÇO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



★
Norma
Shearer
★

Neste número: A Exposição Cinematográfica da U.F.A.



Myrna Loy, quando dedica retratos aos seus admiradores

A ESCRAVIDÃO DOURADA DE HOLLYWOOD

E GON Erwin Kisch é uma das penas mais vigorosas do jornalismo mundial. Viajando constantemente, tão depressa o encontramos em Paris, como na América do Norte ou em alguma humilde aldeia do Caucaso.

As suas crônicas são objectivas: vê aquilo que muitos se recusam a ver. Não se contenta com a fachada — penetra nos fundamentos. Daí, ser por vezes incômodo para determinados.

Quando a mim, leio-o sempre com entusiasmo. A verdade atrai-me, e nele encontro um dos seus mais enérgicos defensores.

Ora Egon Erwin Kisch, grande amigo de Charlot, esteve em Hollywood. No seu livro «O paraíso norte-americano» mostra-nos o reverso da vida dos artistas cinematográficos, daquelas «estrelas» e galãs cujo bem estar é invejado por 95% dos espectadores.

Descreve-nos como para eles não existe liberdade, como vivem acorrentados à ganância dos produtores, como ignoram o amor e a faculdade de se deslocarem como qualquer mortal. Como tudo, enfim, é diferente daquilo que um réclamo «à tout rompre» nos faz aparecer

Assim, conta-nos que as empresas

formam uma espécie de maçonaria. Artista que firme contrato com a casa A dificilmente consegue recindilo para ir para a casa B. Agora, o que pode acontecer é a casa B «comprá-lo» à casa A.

É que em Hollywood os artistas constituem mercadoria vendável. Também podem ser «emprestados». Lembram-se de Sue Carol? Mac Leen descobriu-a e contratou-a, por cinco anos, com um salário que iria de 150 a 300 dólares semanais. Porém, como o negócio não lhe corria, «empresta-a» a outras empresas, contra bom dinheiro. Por exemplo, à Fox Filme que lhe paga 1.500 dólares. Sue Carol protesta, pois Mac Leen recusa-se a dar-lhe mais do que 200 dólares. De nada lhe vale. Contratos são contratos...

Lupe Velez ganha X dólares. Porém, quando é «emprestada», o seu produtor exige 25% sobre o seu ordenado que lhe paga e nem por isso a encantadora artista recebe mais um centimo. Os 25% vão direitinhos para os cofres daquele.

Por vezes, empregam-se mistificações. Uma delas é dizer que a artista vai começar a filmar um novo trabalho e que, portanto, para ser dada a preferência, a percentagem tem de ser maior. E os 25% sobem automaticamente para

50% e mais. A artista, essa, assiste como espectadora a este mercado que lembra o dos escravos, nos tempos idos.

Mais: à casa Y interessa tal indivíduo que trabalha na casa Z. A casa Y entende-se primeiro com ele. Oferece-lhe 1.500 dólares por semana. Mas, logo a seguir, pergunta-lhe qual o ordenado que recebe na casa Z. A «vítima» declara a verdade, 900 dólares, porque de nada lhe serviria mentir. (As casas produtoras acordaram entre si dizerem apenas a verdade no que respeita aos salários que os seus contratados recebem).

A casa Y retrocede. Já não oferece 1.500 dólares e declara francamente que prefere entender-se directamente com a casa Z, isto é, «comprá-lo» sem intermediário que, neste caso, é o próprio interessado.

A duração dos contratos é, geralmente, de cinco anos. Qualquer infracção representa outros tantos de desemprego. Por isso, o contratante não se atreve a tratar particularmente com outra empresa. A solidariedade comercial que as une esmaga-o e obriga-o a manter-se quieto.

Quando ao amor, nem falar. O chamado puritanismo americano não se condói com situações ilícitas. Artista que se lembre de descarrilar num «flirt» que não agrade à empresa, vê o seu contrato imediatamente denunciado. E que os jornais não poupariam o artista e, sobretudo, a empresa que o emprega.

Os galãs adoram ouvir contar aventuras amorosas, pois que, para eles, tal prática constitui «tabu». Quando pretendem divertir-se obrigam-se a um rigoroso incógnito. O mínimo destilado pode ser-lhes fatal e fazê-los decair na opinião pública. Veja-se o caso Max Baer.

Além de que o jornalismo americano preocupa-se inencomodadamente com a rubrica «escândalos»...

Muitas «estrelas» não conseguem, por vezes, arranjar dinheiro para pagar a renda da casa. Sobretudo, nenhuma delas ganha o que, anualmente, Irving Thalberg arrecada: um milhão de dólares. Porém, esse é produtor...

OPERADOR N.º 13

Quanto dormem as estrelas...

Há muito tempo que os profissionais de beleza são de opinião de que sono, um bom sono, embeleza.

Curioso é verificar como é que as vedetas da tela — mulheres lindíssimas, em regra — adoptam e aplicam senehante conselho.

Assim, Joan Crawford dorme, pelo menos, oito horas por dia, numa cama grande, modelo de certa época antiga. Jean Harlow, por seu turno, precisa dormir, pelo menos, nove horas. Não suporta o «tic-tac» de relógios. Os estores das janelas têm que estar corridos e as portas bem fechadas, pois, do contrário, não pode conciliar o sono.

Norma Shearer dorme oito horas, todas as vezes que tem que trabalhar nos estúdios. O seu quarto de dormir dá para o oceano, na praia de Sanki Mônica, e o barulho das ondas é para ela o cântico, que a embala.

Jeanette MacDonald dorme, duas vezes por dia, cinco horas, de cada vez. Lê, sempre, até às duas horas da madrugada e gosta de tomar o café na cama.

Luise Rainer prefere enrolar-se num cobertor e deitar-se na areia quente da praia.

May Robson necessita de dormir, pelo menos, dez horas e não é capaz de adormecer sem uma gaiola de esvários, no seu quarto...

Madge Evans chega a dormir 18 horas seguidas, depois de terminar um filme.

Una Merkel dorme, a qualquer hora, em qualquer parte, mas prefere uma poltrona bem macia ou uma otomana. Maureen O'Sullivan, finalmente, adora repousar, no convés de um hiute a toda a velocidade...

As alegrias e os pesares de Clark Gable...

Clark Gable entende que os homens necessitam de ter um passatempo favorito.

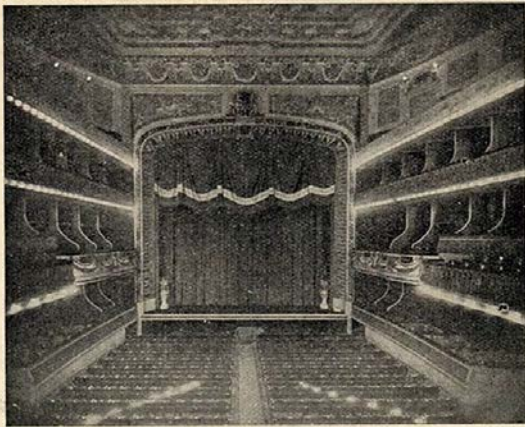
«Eu tenho dois — a caça e a pesca, que me fazem esquecer a tarefa árdua dos estúdios, sempre que deles me posso ausentar!»

Recentemente, Clark, tendo alguns dias de folga, resolveu ir caçar e pescar no México.

«Não vosso deixar de gritar e pular, quando um peixe salta na corrente, próximo ao anzol da minha cana de pesca. Fico radiante de felicidade quando a minha espingarda abate um urso ou uma puma! Mas, não gosto de ver morrer um veado».



Jeannette Macdonald e Nelson Eddy, durante um intervalo de filmagens de «Rosa Maria», o célebre opereto de que são protagonistas



REALIZA-SE, NO SÃO LUIZ, NO PRÓXIMO DIA 3 DE ABRIL, A PRIMEIRA MATINÉE GRATUITA OFERECIDA AOS LEITORES DE «CINE JORNAL»

Do programa faz parte o filme

“OS NOIVOS DE MARY”

a célebre comédia de W. S. VAN DYKE com JOAN CRAWFORD, CLARK GABLE e ROBERT MONTGOMERY

É já na próxima sexta-feira que se realiza, na magnífica sala do «São Luiz», a primeira «matinée» gratuita de «Cine-Jornal», oferecida aos seus leitores.

A páginas 14, publicamos o cupão número 2, que, juntamente com o que publicamos no nosso número anterior, dá direito a um bilhete para esta festa sensacional! O leitor não tem mais do que apresentar-se na administração do nosso revista com os dois cupões para receber imediatamente, sem quaisquer encargos, um bilhete para esta festa sensacional. Dado o espetotivo que está despertando, recomendamos a todos os que não queiram perder o ensejo de a ela assistirem, que não guardem para o último hora as suas requisições, o fim-de poderem ser atendidos, antes de que se encontre esgotado o loteção.

A gentileza da Empresa do

São Luiz, que cedeu o sala, sem quaisquer encargos, e do seu gerente, nosso prezado amigo sr. Ortigão Ramos, temos o acrescentar a gesta simpática da Metra-Goldwyn-Mayer, que, por intermédio do sr. Lozare Léon, gerente da Agência Lisboa, nos cedeu para a nossa festa um programa colossal, do qual faz parte um filme magnífico, «Os Noivos de Mary», com Joan Crawford, Clark Gable e Robert Montgomery, sem dúvida uma das melhores comédias de Van Dyke, e uma das mais graciosos e notáveis deste ano.

Frizemos o facto de se tratar duma fito desta época, e não duma produção batida e rebatida.

Com estes elementos, com fitas desta classe, na alegre e luxuosa sala do São Luiz, podemos de antemão garantir à nossa festa um êxito rotundo!

DIPLOMATAS ESTRANGEIROS NA EXPOSIÇÃO DA UFA

Desde a sua inauguração, há poucas semanas, a Exposição instructiva da Ufa, de que damos, na página central, do presente número, alguns aspectos, foi já visitada por mais de 2.000 pessoas dos circuitos das Artes, Ciências, Imprensa, Universidades, meios industriais e comerciais, etc.

Há poucos dias, visitaram-na também os adidos militares do corpo diplomático acreditado na Alemanha. Os ilustres visitantes foram recebidos e saudados pelo sr. Lehmann, director da Ufa.

Os visitantes manifestaram a sua sincera admiração por este certame modelar e único no género, que atesta as qualidades organizadoras do espirito alemão. Em seguida, foram visitados os estúdios da Ufa que estão actualmemente em plean actividade. Os diplomatas ficaram muito be mimpresionados com

as filmagens destinadas à nova cine-opereta *Boccacio*, para a qual o director Herbert Maisch estava filmando uma cena de multidão, entre belas decorações de autoria do architecto Otto Hunte. Nessa cena participavam também os artistas Willy Fritsch e Heli Finkenzeller.

Mistérios do Universo

Desde que Copernico proclamou o Sol como rei do mundo planetário, concedendo ao globo terrestre um modesto lugar de planeta, a ciência e os técnicos descobriram instrumentos de observação que permitem o estudo de astros longínquos, separados da terra por milhões de quilómetros. Mistérios sem fim foram desvendados.

O departamento cultural da Ufa preparou ultimamente, sob a direcção do Dr. Martin Rikli, do grupo produtor do

Beatriz Costa faz um pedido

Beatriz Costa, a mais querida e a mais popular das vedetas do paleo e da tela, recebe, por dia, muitas dezenas de cartas de admiradores, que lhe solicitam um retrato, para trazer na carteira como «mascotte» ou para pôr à cabeceira da cama, para afastar os maus espiritos... O certo é que todos os que vêem uma vez a Beatriz ficam a morrer de amores por um retrato seu e daí a escrever-lhe a solicitá-lo — vai um passo.

Ora, Beatriz Costa não se queixa do facto. Pelo contrário. É-lhe gratíssima essa assistência moral e lisongea-se, em extremo, com a atenção dos seus admiradores, sejam eles teatrófilos ou cinéfilos.

Mas a verdade é que a nossa queridíssima vedeta vê-se e deseja-se para poder atender todos — porque o facto lhe traz um encargo quasi incomportável.

Lá fora, onde não são as vedetas que enviam fotos por sua conta, mas as firmas que as têm sob contrato — raras são já as que correspondem aos pedidos de fotos autografadas, que dia a dia chegam aos estúdios. E, assim, enviam um postal muito amável a informar «que lhe mandarão a foto, sim, mas contra a importância de X».

Ora a Beatriz já não pede isso, o que seria legitimo, e que *Cine-Jornal* recomenda, no entanto, aos seus leitores. A popularíssima vedeta, limita-se a pedir apenas isto: que, ao menos, mandem o selo para a resposta.

Pela nossa parte achemos bem! Se é verdade que a Beatriz é «o rapaz dos câgados» não é destes, com certeza, que pretendem uma foto, «à borla» e que nem sequer enviam selo para a resposta...



Maureen O'Sullivan faz a seu-habitual cruzeiro de iate

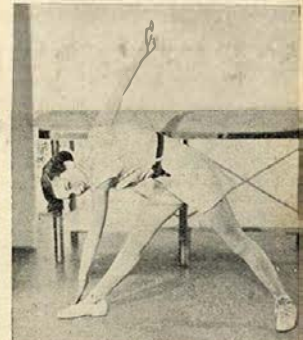


O príncipe Sigvard, da Suécia, encontra-se nos estúdios da Metro como engenheiro de sam

Filmes culturais sôbre a Polónia

A Ufa está realizando as últimas filmagens para a série de filmes culturais sôbre a Polónia, suas cidades e aldeias, e que o departamento cultural da Ufa produziu, nesta temporada, com a coadjuvação dos organismos oficiais daquele país.

O director Wilhelme Prager e o operador Kurt Stanke encontram-se presentemente na antiga e pitoresca cidade de Wilna, onde, em principio de Março, se realiza, anualmente, uma grande feira popular com festas religiosas que atraem o povo de todas as redondezas e até dos países limitrofes. Por essa ocasião, a igreja católica costuma celebrar a festa de S. Casimiro, patrono de Wilna. E por isso que o povo dá o nome de «Casiuki» às celebrações dos primeiros dias de Março, durante as quais há procissões, cortejos, e diversões populares que, durante alguns dias, enchem as praças e as ruas de Wilna de uma animação invulgar nesta pacata e pitoresca cidade da Polónia. Esta festa de Wilna será focada, pela primeira vez com grande número de detalhes, num documentário cinematográfico da Ufa, do qual se farão três versões.



Maureen faz um pouco de gymnástica



Mary Carlisle deita o popoaga...



Registam-se as primeiras imagens do filme: uma vista panorâmica de Lisboa, tomada do outro lado. Willy Goldberger faz o «mise-au-point». António Lopes Ribeiro, dirige.

A «REVOLUÇÃO DE MAIO» EM MARCHA

sonhos e ilusões contrárias ao espírito do nosso povo; inadapáveis à nossa raça em especial e a todas as raças em geral.

Foi descoberto na rua do Mundo um belo dia em que António Lopes Ribeiro seguia menos aéreo — o que é raro.

Nesta altura o realizador do «Gado Bravo» estudava as possibilidades de produção do filme «Mistério de Lisboa» para o Bloco II. da Costa e destinava o primeiro papel para António Martinez.

Surgiu depois a ideia da filmagem dos «Mistérios da Estrada de Sintra» e de novo António Martinez estava indigitado.

Finalmente... «Revolução de Maio».

Ainda há poucos dias, ao fazer, em conversa, uma revisão dos nossos actores que têm possibilidades de se adaptarem ao cinema, lembrei-me de Ribeirinho e todos lamentaram que ainda não tivesse sido aproveitado. Embora muito novo, tem já imensas criações inesquecíveis. É também autor dramático. A sua peça «A guerra» está em prelo num dos nossos teatros e é provável que seja posta brevemente em cena.

Lopes Ribeiro anunciou-nos que vai revelar um garoto extraordinariamente fotogénico.

Como já foi dito, as cenas de exteriores começaram há dias. Filmaram-se alguns panoramas em vários pontos da cidade, cenas no Bairro do Arco do Cego e no cais da Rocha do Conde de Óbidos, representativas da chegada do revolucionário a bordo dum navio carvoeiro e a intervenção dos agentes da policia.

Os interiores serão filmados nos estúdios da Tobis logo que Leilão de Barros comece com os exteriores de *Bo-cage*.

A acção do filme

A acção do filme é movimentada. Movimentada em todos os sentidos.

Há cenas passadas em Lisboa, Sintra, Estoril, Barcelos, Leixões, Porto, Coimbra e Alcobaca.

Um dos melhores momentos da película vai ser filmado no dia 1 de Maio, em Barcelos, quando da célebre «Festa das Cruzes».

Nos princípios de Abril vão ser realizados no Rossio grandes aspectos da *Revolução*. O Rato, a Bolunda, o Castelo de S. Jorge e as Avenidas Novas serão também alguns dos pontos em que se desenrolam cenas referentes a este movimento revolucionário, que é coadjuvado pela Guarda Nacional Republicana.

A nossa marinha de guerra efectua importantes exercícios em Maio e um dos operadores irá a bordo para filmar as manobras navais.

Portugal, que era conhecido em todo o mundo pelo país das revoluções... só já tem revoluções a brincar.

TELMO FELGUEIRAS

EM Portugal o início dum filme ainda é um acontecimento, e ainda é um acontecimento pouco vulgar. Na quarta-feira passada começaram as filmagens da «Revolução de Maio», película produzida pelo Secretariado da Propaganda Nacional.

Não só o título da obra como o organismo produtor indicam que se trata dum espectáculo de propaganda nacionalista. Julgo ser bom lembrar — em virtude das frequentíssimas confusões conscientes e inconscientes — que *nacionalismo* é a antítese de *patriotismo*. É conveniente explicar que propaganda não é réclamo estilo *baçalhua a putaco e casis de graça*, mas sim uma missão a cumprir, baseada em elementos reais e com um fim superior. Classifico como boa propaganda nacionalista o torneio medieval realizado no Mosteiro dos Jerónimos, a reconstituição da Lisboa Antiga, etc.

«Revolução de Maio» será uma obra de propaganda na verdadeira acepção do termo. Assim o esperamos, pois temos plena confiança em alguns dos nomes orientadores do S. P. N., nomes que pertencem ao escol dos nossos intelectuais. Assim o esperamos e assim o exigimos... embora certos *unóntimos* proclamem e propagandem que um filme financiado pelo S. P. N. deve ter como principal objectivo possuir cinema, cinema e cinema!!!

O argumento

É porque o realizador não quer nem recebeu indicações para produzir um filme-album das obras do Estado Novo, tratou de architectar certo enredo, que será tratado de tal forma que «Revolução de Maio» será um espectáculo igual, perfeitamente igual, a qualquer outra película.

O enredo resume-se em poucas palavras; poucas mas suficientes para compreendermos a orientação da obra.

Certo idealista recém-chegado a Portugal tenta organizar uma revolução que imponha a todo o país as suas ideias internacionalistas, ideias essas com que procura dar incremento às indústrias, ao comércio e modificar a organização social.

Hosfeda-se, e é a sensibilidade feminina da filha da dona da pensão que lhe consegue mostrar a obra realizada pelo Estado Novo; perdendo a pouco e pouco a obcecção ocasionada pelas paixões políticas, chega à conclusão que todo o seu plano de puro idealismo e justiça faz parte essencial do programa da Revolução de Maio.

É esta a ideia-prisma que deixa adivinhar um *happy end* como remate deste conflito em que um platónico internacionalista se vê, pelas realidades, obrigado a transigir com a obra efectuada em Portugal.

O pessoal técnico

Da realização do filme foi encarregado António Lopes Ribeiro, que no «Gado Bravo» se revelou possuidor de



Os convidados que assistiram à primeira volta da manivela. Ao fundo, Lisboa, cujo cosario se debruça sobre o Tejo

forte sentido cinematográfico e nos deixou ansiosos de o ver dirigir novas produções.

Para primeiro assistente escolheu Olavo de Eça Leal, o desempoeirado Olavo do tempo em que o cinema era um mito e os cinéfilos aos exames.

O poeta António Lopes Ribeiro e o escritor — e possivelmente pintor — Olavo de Eça Leal, são dois valores da nova geração.

O assistente técnico é Bernaldez y Eder e os operadores são Isidoro Galdeberger e Octávio Bobone. Galdeberger trabalhou bastante tempo na Alemanha, em colaboração; e agora, em Espanha, revelou-se um artista de mérito nos filmes «Uma semana de felicidades», «Rataplán» e «Amor e Manobras».

O grande pintor António Soares encarrega-se da decoração. Confiamos inteiramente neste artista extraordinário e cheio de personalidade.

O administrador geral da produção é Augusto Soares.

Ao contrário do que erradamente veio a público a partitura do filme não pertence a Luiz de Freitas Branco.

A música é de compositores portugueses e brasileiros e a direcção musical de Pedro de Freitas Branco.

O protagonista tem a sua história

António Martinez é o protagonista do filme; vai, portanto, encarnar o revolucionário cheio de planos, cheios de

António Martinez, embora já tivesse sido actor, nunca pensara em fazer cinema. Foi o encontro com Lopes Ribeiro que originou tal ideia. É curioso notar que o protagonista, embora tenha uma esplêndida voz de barítono, é provável que não cante.

Distribuição

Emília de Oliveira, que tantas figuras características tem desempenhado no nosso teatro, é a dona da pensão. A filha desta é a protagonista do filme. Já foram experimentadas Maria Lalande e Branca Saldanha. Jenny Prats vai igualmente ser sujeitada a provas.

Em vários jornais tem publicado o nome de Aida Uitz como o de uma das actrices que entram na «Revolução de Maio». Esta notícia é falsa: Aida Uitz, embora seja muito gentil, não entra no filme.

Alexandre de Azevedo já filmou algumas cenas em que nos aparece como chefe da Polícia Internacional e Luiz Campos coom agente.

Várias cenas do filme passam-se numa tipografia, de que é dono o Marques Clemente Pinto — e um dos tipógrafos é o actor Carlos Baptista.

A personagem mais curiosa de toda a película é sem dúvida a Barata, boateiro incorrigível, que vai ser desempenhado pelo irmão de António Lopes Ribeiro, o actor Francisco Ribeiro — o pessoalíssimo Ribeirinho.



O 1.º plano da «Revolução de Maio». «101»... capicua... Tudo vai correr bem!

LUCIENNE Boyer. É aquela artista, que tantas vezes se tem feito ouvir em Lisboa, nas suas célebres canções, através da rádio e dos seus discos, mas que o público português ainda não teve a felicidade de a ver num dos seus Teatros.

Sahemos, e isto foi-nos dito por ela própria, no combóio que nos conduziu do Havre a Paris, que em breve ia a Lisboa, a um Teatro de grande importância, mas que se não lembrava do nome, e que foi contratada ainda quando dava os seus últimos espectáculos em Boston. Lucienne alcançará seguramente mais um triunfo, a juntar a tantos outros, e o público português, conhecedor e inteligente, vai recebê-la certamente como ela merece. Quando os nossos leitores tomarem conhecimento por estas linhas, do que foi a sua chegada a terras de França, do que foi a sua «tournée» na América do Norte e ainda do que ela nos disse, já talvez ela esteja a caminho de Lisboa, instalada numa cabine do Sud-Express, juntamente com a sua orquestra privaliva Iza Volpin.

Lucienne chega hoje...

Fôram estas as palavras, que pelo telefone nos disseram, na manhã de 20 de Março. Imediatamente nos pusemos em contacto com serviço de informações dos Caminhos de Ferro do Estado, para sabermos se tínhamos tempo de a ir esperar ao Havre.

Exactamente, um combóio directo, partia dentro de 20 minutos, o tempo necessário, para tomarmos um «táxi», comprar o bilhete e embarcar. Já no combóio, encontramos então alguns amigos e conhecidas individualidades do meio artístico e teatral, que levavam o mesmo destino e o mesmo pensamento que nós. Todos queríamos abraçá-la e beijá-la no momento em que ela pisasse novamente o solo da sua Pátria! Ela merecia-o, não só pelos triunfos obtidos naquela grande América, mas também pelo seu carácter, pelo seu grande patriotismo e ainda pela sua simpatia e simplicidade!

E foi falando sempre dela e só dela, que as duas horas e 20 minutos que nos separavam de Paris, passaram rapidamente, esquecendo durante este tempo, aquele grande pesadelo, que todos nós temos neste momento sobre a alma... A Guerra!

O «Ille de France» está à vista...

Todos nós olhámos para o horizonte, onde uma mancha negra de fumo se divisava. 45 minutos depois, este grande trasatlântico encostava à muralha do grande porto do Havre.

Lucienne, já nos esperava à entrada do barco. Estava doida de alegria, o que não impedia que as lágrimas lhe caissem sem ela querer. Lágrimas bem sinceras, ao abraçar e beijar aqueles que lhe eram queridos. Todos esperávamos ver a Lucienne, americanizada. Mas não! ela voltava tal como ela sempre foi. Francesa, bem Francesa!!!...

E cheios de alegria, lá fomos para o «bar», onde bebemos, e elevámos a



LUCIENNE BOYER
a grande estrêla francesa, que não quis ficar em Hollywood
fala a «CINE-JORNAL»

nossa taça-de «campagne», em nome de Portugal, o que muito a sensibilizou. Terminada a recepção, lá viemos outra vez a caminho da Cidade da Luz, mas desta vez, à velocidade média de 90 quilómetros à hora!

Este combóio é um dos mais rápidos da França, mas para Lucienne, devia parecer-lhe eterno! Ela queria, seguramente chegar ao fim da viagem e abraçar e beijar a sua mãezinha que a esperava na «gare».

Perguntas sobre perguntas, de todos e sobre tudo. Coitada, não lhe invejamos aquelas duas horas. Por fim, o combóio diminui de andamento e entra cuidadosamente nas agulhas. Estamos em Paris.

«Paris, meu Paris!»

Foi esta a exclamação que ela teve quando o combóio parou. O resto não se pode explicar. Sua mãe comovida, que a beija e abraça, os amigos, o povo, etc. Só o cão a não reconheceu, nos primeiros momentos, o que ela sentiu imenso e a entristeceu!

Mas ainda a tinham que martirizar naquele dia. Estava tudo a postos e um «micro» da Rádio Cité, instalado na «gare». E ela lá teve que dizer algumas palavras, que se ouviram certamente nos pontos mais longínquos do mundo. Tudo acabou aqui, mas, ao despedir-se de nós, disse-nos:

— Até amanhã. Espero-o em minha casa, às duas da tarde.

Agradecemos e, no dia seguinte, não faltámos. Podemos dizer mesmo que andámos rondando a porta, um quarto de hora antes, para sermos pontuais. As duas em ponto enlramos em sua casa, onde o bom gosto o conforto moderno dominam por toda a parte.

Lucienne fala para «Cine Jornal»...

— Vou ser muito breve nas minhas declarações: Cinco meses de muito trabalho, em toda a América. Ganhei muito dinheiro, mas tinha muitas saúdes da França e de toda a Europa.

— Nunca tinha ido à América? perguntámos?

— Já! Foi a segunda, e ainda queriam

que eu ficasse mais tempo, fazendo-me propostas extraordinárias, que eu não quis aceitar.

— Prefiro menos dinheiro na Europa. Trabalhei em todas as cidades principais da América do Norte, pela segunda vez, felizmente, sempre com êxito, como viu, pelos jornais.

— E cinema?

— Recbi dezenas e dezenas de propostas. Uns queriam-me para protagonista de filmes, outros para aparecer como atração. Pode ser que um dia me dedique seriamente à Sétima Arte. Por ora, prefiro trabalhar para o meu público, vivo, presente, entusiasta.

— A viagem?

— Ótima, e serviu para me repousar um pouco, pois já na próxima semana começo a trabalhar. Bordeus, depois...

...Lisboa, onde há muito queria ir!

...e Lucienne, diz-nos então, que vai com um prazer enorme, a Portugal, onde sabe que o público, só gosta do que é bom. Foi por esta razão, e ainda porque há muito recebe pedidos de fotos de Portugal, que aceitou o contrato, mas não sabe, como o nosso país pode pagar um tão grande preço, para a ouvir.

No entanto, diz-nos ela:

— Pode dizer no «Cine Jornal» que vou a Lisboa, sem intuítos meramente mercantis, mas unicamente pela grande consideração que me merece o público português.

Não podíamos deixar de agradecer, e ela prossegue:

— Na realidade assim é, e eu sou muito positiva nas minhas afirmações. Se não tivesse vontade de ir a Lisboa, não ia, tanto mais, que termino no dia 2 em Bordeus, em 4 tenho que estar em Lisboa e em 10 em Paris. Já vê, que só uma grande boa vontade da minha parte, para corresponder, não só ao público, mas também à Empresa do Teatro, que tanto desejo tinha de me apresentar.

— Sabe que Portugal recebe bem?

— Sei, muito bem, e apesar de estar em Paris há 18 horas, já estou informada de como foi recebido o meu colega Georges Milton.

Por fim, ela acrescenta ainda:

— Quando um país, recebe artistas como recebeu ultimamente o ídolo das multidões, Georges Milton, pode contar em absoluto, com todos os outros artistas.

Estava terminada a entrevista, mas, Lucienne, guarda para o fim o melhor e mais engraçado:

— «Diga às senhoras portuguesas, que eu na América, tive que cozinhar, senão morria de fome. A comida americana é aflitiva. E se me refiro a isto é apenas para provar que, se sou uma artista, sou também uma mulher!»

Ao despedirmo-nos, Lucienne lembrou-nos ainda que na terça-feira há «champagne» no Maxim's, e que não nos perdoaria a nossa falta.

Paris, Março de 1936.

EXPRESS

(Direitos de reprodução totais ou parciais reservados).

CRONICA DA SEMANA

A execução dum «foz» causa uma sensação agradável. Um nocturno de Chopin produz uma emoção profunda. Com a sensação os sentidos despertam; a emoção é um apêlo à alma que foi correspondido.

A guerra embolou a sensibilidade. As almas cansadas do espectáculo de tanta dor aspiraram à paz; a vida passou a ser o agitador superficial dos sentidos, enquanto a alma adormecia seduzida pela imagem do lago de águas quietas.

Depois, veio a inevitável reacção. O espirito quis readquirir os direitos usurpados, o lugar de direcção que abdicou, mas a sua ausência provocou estragos consideráveis e houve que lutar — e a luta continua.

Essa reacção tomou, na literatura, o nome de neo-romantismo. A nova legenda do século abarcou outras manifestações do génio artístico e ganhou, por fim, o próprio cinema.

Quando se fala na decadência da poesia quer-se referir propriamente aos poemas em verso, porque na realidade ela libertou-se da letra de fórmula e foi-se refugiar nos espiritos. Passou a ser um prisma através do qual se mira a vida. De tal sorte, que já se reconhece que um grande estadista não pode deixar de ser um grande poeta. Porque, por mais paradoxal que pareça, é na exaltação do poeta que se vai encontrar a visão serena do futuro.

Para se apreciar, tal qual merece, essa grande obra que se chama «As Virgens de Wimpole Street», é preciso que se sinta uma insatisfação íntima ou assistir a espectáculos cuja substância consiste em estridências de «jazz» ou no desfile de belezas paradas.

Se assim fór, há-de se achar que o filme de Sidney Franklin provoca, mais que simples sensação agradável, uma funda emoção no espírito.

Ele excede a fria análise psicológica dos personagens; não se apressa, tão pouco, a defender uma tese. O que nos prende é a luta que se desencadeia entre sentimentos.

Senle-se corações que palpitaem por detrás da celudóide. Dir-se-ia que as figuras tomam vida e sentem e sofrem como qualquer de nós, que as acompanhamos com paixão, com partido tomado na contenda.

É este um dos «milagres» do cinema. Na verdade o processo científico de dar volume às imagens não lhes confere a verdade dada por uma interpretação prodigiosa.

Aos que dizem que o cinema não é mais que fantasmas que se movem, podemos nós retorquir que temos visto fantasmas deambulando pelos palcos dos teatros — à procura do autor.

Falar da interpretação de Norma Shearer — que excede em muito os trabalhos anteriores —, de Laughton e de Frederick March, seria reeditar os elogios que as críticas unânimes lhes dedicaram. Os adjetivos, no superlativo, liberam justificadamente a sua hora.

Para ilustrar o que atrás ficou escrito e, também, para salientar o valiosíssimo trabalho da Shearer apenas queremos recordar a das cenas mais palpitantes do filme e das mais expressivas igualmente, pois nela se vê a simplicidade com que se fazem coisas admiráveis.

Elisabeth Barrett, entregue a uma quasi invalides, vive dentro do mundo dos seus sonhos, longe da vida que tanto ama. Robert Browning, com quem se corresponde — os dois poetas trocam os seus versos — foi recebido por ela, pela primeira vez. Acaba de a deixar. O seu filho a vida, feito de palavras vi-



BRIGITTE HELM ABANDONOU O CINEMA OU FOI ABANDONADA POR ELE?

INFORMAM as gazetas, com uma insistência suspeita — pois estas «ofensivas» das agências telgráficas traduzem-se, em regra, em lancaamentos publicitários — que Brigitte Helm, a loira «vamp» do cinema alemão, vai abandonar a tela, para se consagrar à vida burguesa de mamã feliz. Porque não sei se sabem — e aí é que as Agências não costumam mentir — que a felina vedeta de «Crise», teve há meses um bébé, fruto dos seus amores legítimos de esposa séria e cordata, anten regime.

Ignoramos se Brigitte Helm, sim ou não, abandonará o cinema, ou se, na realidade se terá dado o caso inverso, isto é: o cinema tê-la abandonado em primeiro lugar, como os factos, de há certo tempo para cá, parecem ter vindo a provar.

A carreira da célebre vedeta alemã, se não foi abalada pela fúria depuradora nazi, que pôs os estúdios a pão e lanarja — como diz o vulgo — sofreu muito com a evolução do cinema. As «vamps», com efeito, estão em crise. Passaram de moda. O género da mulher pantera, da mulher de paixões hiperbólicas, que parece arranhá quando aca-

ria — e que Brigitte tão bem exemplificou na sua «Antinea» da *Allândia*, de Pabst — esse género, dizíamos está em franca decadência.

E era o «forte» da vedeta da *Metropolis*, dessa loira rapariga que Fritz Lang descobriu, depois de ela, as 5 horas da manhã, à porta do estúdio onde o fóra esperar lhe ter dito que «tinha que a contratar porque tinha, diante de si» uma rapariga com talento! Com efeito, quando lhe quiseram dar um papel humano, quasi ingénuo, Brigitte fathou redondamente. Lembrem-se dessa *Glória*, onde ela andava como uma náfraga batida pela tempestade, sem se «encontrar» a si própria?

Seja como fór, o certo é que parece estar-mos em presença de factos consumados. Brigitte casou, «assentou» vida, é mamã — e prefere dedicar-se ao seu loiro hitleriano, ao seu bébé de dois meses — do que andar pelos estúdios em cata da glória doutros tempos, dos bons tempos de *Metropolis*, da *Piedosa Mentira* de Nina Petrovna, da *Mandrágora*, da *Crise*, da *Allândia* e de tantas outras obras, onde a sua beleza estranha, os seus olhos de pervinca e o seu perfil de deusa grega, brilharam a tóda a altura!

Embaratecimento das «matinéés»

A nota mais sensacional dos últimos tempos, no nosso reduzido mundo cinematográfico, foi a resolução tomada pelas empresas dos cinemas Trindade e Olimpia de reduzir, à metade, o preço das entradas para as «matinéés», em dias de semana.

Alé há pouco o desconto de cinquenta por cento, nos referidos espectáculos, era privativo dos portadores de senhas da única revista cinematográfica que se publica nesta cidade. Doravante o mesmo abatimento é extensivo a todos os espectadores, sem que seja necessária a apresentação de qualquer senha ou cartão.

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES

CARTA DO PORTO

Tal medida, que visa apenas a facilitar as sessões da tarde a todo o público — cinéfilo ou não — causou certos engulhos em alguns sectores dos nossos mentideros.

As mais variadas hipóteses, as mais diversas e as mais malévolas, foram abordadas em face dum resolução que nada tem de extraordinária e que, qualquer que, seja o prisma porque seja vista, beneficia o público.

As «matinéés», sobretudo em dias de semana, qualquer que seja a modalidade porque as empresas procurem atrair o espectador, constitui uma excelente propaganda cinematográfica. Então agora, sendo apresentadas por metade do preço do espectáculo vulgar, mais intensa, mais profícua, se torna essa propaganda.

É o que nos interessa, no momento, e como velho rabiscador das coisas de cinema há muito lamentamos que, por enquanto, não haja público suficiente para que se realizem quotidianamente.

Há, porém, uma falange, a quem os números preocupam, e a quem as estatísticas interessa, que vendo o cinema apenas como negócio, ou antes de tudo como negócio, vêem no desenvolvimento ou nas facilidades concedidas aos frequentadores das «matinéés» um prejuizo que se projecta no resultado dos espectáculos nocturnos.

Segundo esses, o público que vê os filmes, de tarde, por metade do preço, é público que não os vê, à noite, pelo custo total e, daí, acham desacertadas as facilidades concedidas aos que podem frequentar o cinema de dia.

Como a parte material do assunto não nos interessa, achamos, apenas, curiosos registar a opinião daqueles que assim pensam, opinião respeitável, pelo que a arquivamos até que apareça melhor.

Uma homenagem justa

Na passada sexta-feira, no cinema Olimpia, a elegante «boite» de Passos Manuel, realizou-se uma curiosa «Soirée Elegante» dedicada ao inteligente e activo secretário da empresa, o velho e dedicado cinéfilo Artur Pereira.

Rapaz dotado de excelsas qualidades de carácter, zeloso colaborador da empresa daquele cinema, esta festa foi a prova do apreço em que os seus inúmeros amigos têm os dotes do querido homenageado.

Nos bastidores da vida cinematográfica actuam, sobrecarregados com inúmeras canceiras, quasi sempre com um trabalho exaustivo, na maior obscuridade, um sem número de trabalhadores, células vivas do mundo cinematográfico, em quem o público não repara, que o espectador não conhece.

Apontá-los a opinião geral é um dever, e a homenagem prestada justamente a Artur Pereira, foi o reflexo desse dever, porque se trata de um velho e dedicado cinéfilo e, conseqüentemente, um cooperador distintíssimo da grande máquina cinematográfica.

CARLOS MOREIRA

VIMOS-LO. ou, melhor, entrevimo-lo
nalgumas cenas fugidias de *Uma
alma livre*, de Norma Shearer;
Segredos, de Mary Pickford; e
Capturado.

Vimo-lo agora, num papel de relêvo,
em *Revolução Francesa*. A sua figura
varonil, o seu fisico simpático, inpu-
seram-no ao agrado das plateias — desde
o primeiro momento.

Assim, fôram inúmeras as cartas fe-
mininas que recebemos, pedindo-nos
que publicássemos, nestas colunas, não
só algumas imagens suas, como também
os tópicos da sua carreira. Vamos
procurar satisfazer os desejos das nos-
sas simpáticas leitoras.

Notável no palco

Leslie Howard é inglês da gema. Nas-
ceu em Londres, a 24 de Abril de 1893.

Foi a guerra que lhe permitiu realizar
o seu sonho: ser actor.

Com effeito, Leslie Howard, filho e
neto de comerciantes, estava condenado
a seguir a mesma carreira, que se tor-
nára numa verdadeira tradição de fa-
mília.

Começou por ser modestamente um
embregado bancário.

Depois, veio a guerra. Três anos por
lá andou. Em 1917, regressou a Londres,
muito ferido. Reformaram-no, e tratou
então de dar corpo ao seu sonho — e
fêz-se actor de teatro.

Os inícios fôram difíceis. Desanimou
muita vez. Mas persistiu. A história é
sempre a mesma e repete-se, no caso
particular de cada vedêta.

Quis conhecer tudo, a fundo. E tanto
assim que chegou ao ponto de escrever
peças, animado apenas pelo desejo de
se integrar na técnica teatral.



Célebre na tela

O advento do cinema sonoro ia, po-
rém, modificar, uma vez mais, a face
das coisas.

O primeiro filme que interpretou na
América foi *Outward Large*, extraído
duma peça, que êle apreciava em ex-
tremo. O público acolheu com verda-
deira simpatia a sua interpretação em
filmes como *Almas Livres*, *Um amor
que não morreu*, etc.

Agradavam a todos — excepto ao ar-
tista. E, daí em diante, passou, a exer-
cer um «controle» rigoroso sobre os
papéis que lhe distribuíam.

Disse «não» muitas vezes. Era fácil-
mente irritável. A guerra, que desorga-
nizara por completo o seu sistema ner-
voso, marcara-o para toda a vida. Co-
meçou a correr a fama de Leslie era
um actor «rebelde». E os estúdios puse-
ram-no à margem...

O famoso artista não se impressionou.
Aguardou, com calma, que chegasse a
sua oportunidade. E a sua oportunidade
chegou. Como protagonista de *Berkeley
Square*, o seu maior êxito do tablado,
Leslie Howard impôs, definitivamente,
a sua personalidade e o seu talento na
tela.

E outros filmes vieram: *The lady's
Willing*, *Devotion*, *The Animal Kingdom*,
Of human Bondage, etc., etc.

Londres contratou-o para *The Scarlet
Pimpernel*. E da sua actuação, mais do
que todos os adjectivos falam as cartas
que recebemos, e que provam que Les-
lie Howard conta já, entre nós, com
uma legião considerável de admirado-
res.

E aqui têm a história simples, do fa-
moso «Cavaleiro de Londres»!

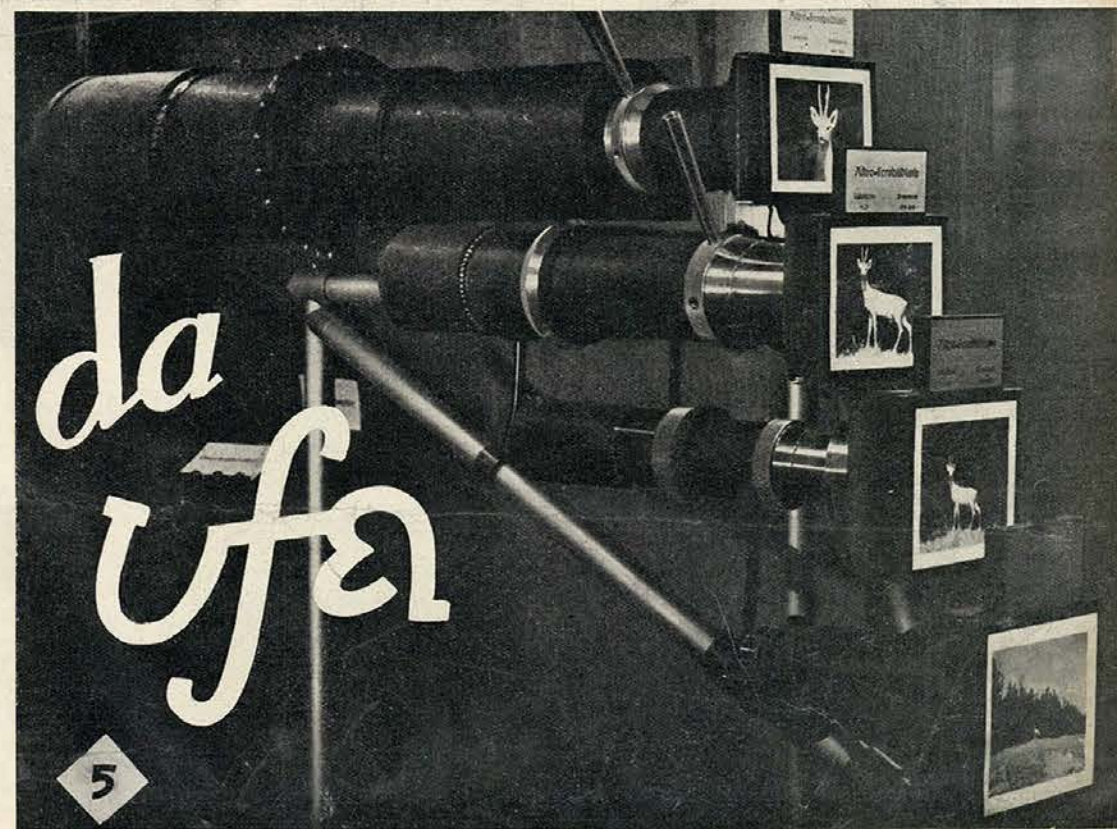
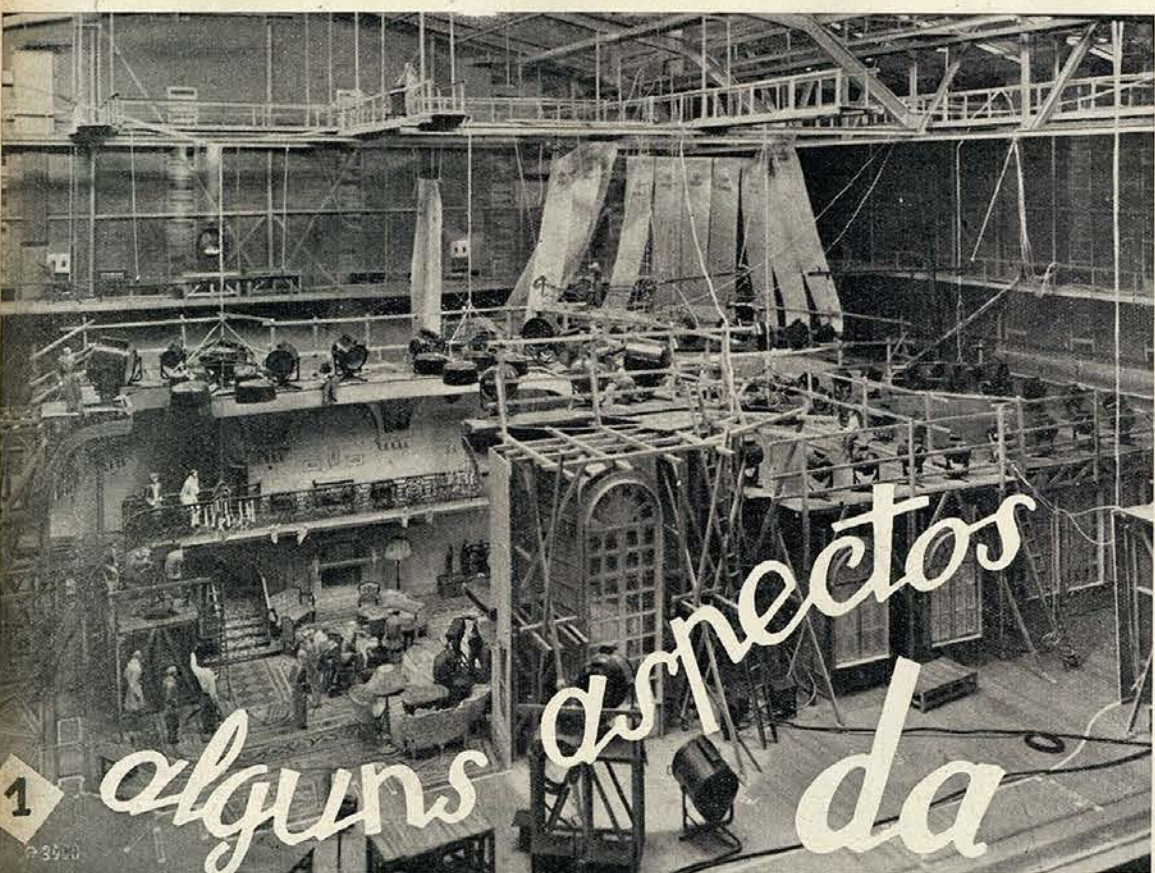
Apresentou-se pela primeira vez, no
papel de Jerry, de *Peg do meu coração*,
opereta que mais tarde Marion Davies
transpôs para a tela. Mas não foi logo
de princípio que triunfou. Só em 1920,
na peça *Mr. Pim passes by* se começou
a deslazar.

Com a companhia, em *tournée*, foi a
Nova York. Durante seis anos ali ficou,
conquistando o êxito palmo a palmo. A
despeito das propostas recebidas de
Hollywood, regressou a Londres. Em
duas peças célebres, já adaptadas à
tela, *Her Cardboard Lover* e *Berkeley
Square* marcou, de forma iniludível, a
sua posição. E o público de Londres e
de Nova York teve ocasião de aplaudir
um novo ídolo.

R. S.

A Ufa, acaba de inaugurar, em Neubabelsberg, a Hollywood alemã, uma grandiosa exposição cinematográfica. O visitante, percorrendo as diversas salas, e detendo-se a examinar o que nelas se acho exposto, fica fazendo uma ideia nítida, não só do importância do indústria do cinema no Alemanha, com oindo das diversas fases da realização dum filme, desde o suo ideia inicial, até à suo projecção pública. Nesta página, damos, em exclusivo, alguns aspectos, curiosos e sensacionais, do interesse de que se reveste esse certome modelar.

1—O «clou» da exposição. A reconstituição, pormenorizado, dum dos maiores estúdios do Ufa, durante os trabalhos de filmagens de «Die Tochter Ihrer Excellenz» (As filhas de Sua Excelência). A «maquette» é notável pela minúcia e fidelidade de reconstituição. As figuras são feitas em cartão prensado. Quanto ao material é feito com as matérias primas, próprios dos objectos respectivos, no seu tamanho normal. Notar a profusão dos «sunlights», projectores, etc. As enormes telas alongadas têm por fim eliminar o eco.



2—As «maquettes» de cenários. Filmadas de certo maneira estas casas que aqui se vêem, sôbre as mesas, aparecem-nos na tela como autênticos palácios.

3—Filmagens submarinas. A complexidade dêste género de trabalhos e os perigos a que estão sujeitos os operadores tem aqui uma evidência que dispensa, por inúteis, quaisquer comentários.

4—A fase inicial dos cenários: as «maquettes» dos arquitectos. Nestas vitrines vêem-se os desenhos para o filme «O Oiro».

5—Objectivas e tele-objectivas. Em baixo: A objectiva para fotografar ao longe, em exterior. Pode considerar-se normal. Em cima: três tipos de tele-objectiva Astro, dando a proporção, em relação à normal, do tamanho da imagem captada.

Com a moiar, podem fotografar-se animais a dois quilómetros de distância, em «gros-p'ou»!

(Fotos rigorosamente em exclusivo poro CINE-JORNAL)

alguns aspectos da Grande Exposição Cinematográfica da Ufa

Luís Lumière responde, na "Comoédia", áqueles que, no "Vendredi", pretendem reinvidicar para Marey a paternidade da invenção do cinema!

NUM dos seus últimos números, *Cine-Jornal* publicou extractos dum artigo que Sauvage escreveu para o *Vendredi*, acusando Luiz Lumière de se fazer passar pelo inventor do cinema quando essa glória cabe ao sábio Marey. Devemos fazer notar que a acusação não é nova. Já há longos anos notáveis homens de ciência francesa, como Nogués, Charles Richet, F. Cellerier, L. Bull e outros a formularam. Nogués, por exemplo, até publicou um folheto, que assinam conjuntamente aqueles e outros cientistas, no qual apresentava a questão.

Não sou *lumierista* nem tão pouco *anti-lumierista*; também não me considero a pessoa indicada para defender o notável sábio. Por isso limito-me a transcrever algumas passagens dum artigo que a *Comoédia* publicou.

«Se Marey, que levantom contro mim e que foi meu amigo, ainda existisse, serio êle quem me defenderio!»

Tem a palavra L. Lumière: «Que conheciamos o esforço de Marey, prova-o o facto de já em 1896, uma notícia explicativa que a nossa sociedade publicou, meu irmão e eu escrevermos a propósito de trabalhos anteriores ou paralelos aos nossos, com o fim de inventar um aparelho que permitisse a projecção pública.

«É a Marey, membro do Instituto, que se devem os trabalhos mais completos neste sentido... e um grande número de dispositivos engenhosos...»

Traçando o conjunto dos esforços realizados, L. Lumière continua: «Mas, geralmente, todos estes sábios estavam agarrados a produzir provas successive em número restrito, constituindo uma análise do movimento e festinadas a serem estudadas em conjunto.

«A reconstituição, quer dizer, a *synthese*, era considerada um problema cuja solução ainda vinha longe.

«A ideia do cinema pertencia à ciência e não aos sábios. Estes não tinham nada do que procurá-lo e inventá-lo. Estava no meu direito. O meu direito de homem probo e trabalhador.

— É a história da batalha do Marne — diz Lumière. — Há quem diminua o mérito de Joffre. Se em lugar dum vitória fôsse uma derrota, Joffre teria sido derrotado. O que não impede que fosse o vencedor.

«Os sábios procuram o *synthese* óptico do movimento. Em 1895, todos êles acordaram que o meu aparelho resolveu o problema»

«Em 1925 fui obrigado a defender-me na Academia das Ciências. Alguém em uma comunicação com o título *A invenção do Cinematógrafo*, na qual, em realidade, nada mais fizera que definir a cronofotografia analítica.

«A cronofotografia é a análise dum movimento pela série dos seus aspectos.

«O cinema, pelo contrário, é a *synthese*. Mas como explicá-lo ao grande público? Portanto protestei perante a Academia das Ciências, em 1925. Esclareci com nitidez que, no que diz respeito à *synthese* do movimento, o meu detector pusera sistematicamente de lado o elemento capital da questão: a realização dum dispositivo cinemático susceptível de permitir, duma maneira correcta, que uma imagem elementar substituisse com rapidez a precedente com um eficiente rendimento luminoso que tornasse possível a projecção, dispositivo em o qual, e incontestavelmente o cinematógrafo, na acção da palavra, não existiria.

«Não interessava a Marey este dispositivo de *synthese* ou por outra, interessava-o do modo secundário. Quem apresentou o cinema antes de mim? Ninguém! Então?!!

«Basta ler o magistral livro de Marey, *Le Mouvement*. Com lealdade indica a marcha das suas descobertas.

«Depois da sua invenção, a fotografia

serve para comparar, por meio de imagens autênticas, o presente com o passado...

«Foi M. Janssen o primeiro que, sob este aspecto científico, imaginou captar automaticamente uma série de imagens fotográficas para representar as fases successivas dum fenómeno. Cabe-lhe, portanto, a honra de ter inaugurado o que se chama hoje a cronofotografia em placa móvel.

«Tratava-se de determinar as posições successivas do planeta Venus a diferentes alturas da sua passagem sobre o disco do Sol. Com este fim, o nosso sábio colega criou o seu revolver astronómico, no qual uma placa sensível de forma circular se movia, de tempos a tempos, num ângulo de alguns graus e recebia, de cada vez, uma imagem nova num ponto diferente da superficie.»

Mais adiante, Marey explica que tentou criar um aparelho baseado no mesmo principio mas capaz de fornecer imagens em intervalos de tempo muito curtos (1 duodécimo de segundo em vez de setenta segundos), a-fim-de captar os successivos movimentos duma asa.

«É claro, é nítido.

«É Marey quem fala.

Janssen reconhece aos irmãos Lumière o prioridade do seu admirável invento

Ora no Congresso da União das Sociedades de Fotografia de França, em 1895, o astrónomo Janssen termina o seu discurso de encerramento com estas palavras:

«O grande acontecimento desta época foi o obtido no campo da fotografia animada por MM. Lumière. Neste campo conheciam-se, sobretudo, os interessantes resultados a que tinham chegado M. Muybridge e M. Edison. Mas um quadro animado criado por este inventor só podia ser visto por uma pessoa de cada vez. Com Lumière é toda uma assembleia que é chamada a gozar esta surpreendente ilusão.

«O ponto de partida deste novo ramo da fotografia é o revolver fotográfico, inventado na altura da passagem de Venus pelo Sol, em 1874. Ao apresentar este instrumento à Sociedade de Fotografia, o autor (Janssen) in-

siste nas suas applicações ao estudo das fases successivas dum fenómeno variável, especialmente ao estudo da marcha, da corrida, do vôo, etc.

«Mas, se o revolver e os seus derivados nos dão a análise dum movimento por uma série d'esses aspectos elementares, os processos que permitem realizar, pela fotografia, a ilusão dum cena animada devem ir mais longe. É preciso que, depois de ter fixado fotograficamente todos os aspectos successivos dum cena em acção, realize uma *synthese* tão rápida e tão exacta que ofereça à nossa vista a ilusão da própria cena, tal qual como a Natureza no-la apresenta.

«Foi enão que, graças aos irmãos Lumière, a fotografia — que eu proponho se denomine a fotografia animada para a distinguir da fotografia analítica dos movimentos — deu um passo considerável. Manifestemos a nossa alegria, uma alegria cada vez maior por esta arte maravilhosa ter nascido em França. Aplaudamo-la com sinceridade, porque enriquece um novo ramo da actividade. Honra, portanto, aos irmãos Lumière!»

Em 22 de Agosto de 1897, no Congresso dos Novos Descobrimentos da Cronofotografia, Marey disse:

— Procurei produzir uma *synthese* óptica do movimento. A. e L. Lumière foram os primeiros a realizar este género de projecção com o seu cinematógrafo.

Marey confesso que foi Lumière quem realizou o projecção de cenas animadas, visíveis por um numero publico

Em 1900, num relatório sobre a exposição de instrumentos e imagens referentes à cronofotografia, para a Exposição Universal, Marey acrescenta:

— O cinematógrafo Lumière apresenta, finalmente, a solução procurada, quer dizer, a projecção sobre um ecrã, de cenas animadas visíveis por um numero publico e dando a ilusão perfeita do movimento.

«O êxito deste invento foi imenso e ainda não afrouçou.»

Enfim, na mesma data, no relatório sobre a exposição, MM. Davanne, presidente da Sociedade Francesa de Fo-

tografia, e Bucquet, presidente do Photo-Club, escreviam:

«Por uma série de invenções, de melhoramentos, de modificações successivas, os irmãos Lumière transformaram os métodos e os aparelhos. Criaram a cinematografia.»

E Luiz Lumière considera: «Os meus adversários dizem que a palavra *cinematografia* não é minha. Nunea o pretendia. A palavra foi fundada por Leon Bouly para um aparelho similar ao de Marey, em 1893. Uma denominação, sólida, bem nascida, forte de duas raizes que satisfazem ao espirito e à razão. Todos os que trabalhavam neste campo, a preferiram a outra. O publico adoptou-a imediatamente. Segui a multidão... E muito simples.

«Os meus detractores não citam os textos que eu vos mostro, diz L. Lumière. Em compensação interpretam o texto que se segue e que é perentório: «Em 1900, Marey occupa a presidência da Secção Fotográfica da Exposição Universal. Esta secção abrange um numero tão restrito de industriaes importante que decidí comunicar o facto ao ministro do Comercio, que me acolheu e ouviu e me forneceu uma explicação irrefutável: se os grandes industriaes francezes constituirem o juri os prémios vão todos para as mãos de estrangeiros?»

O melhor elogio dos Lumière foi feito, oficialmente, por Marey

«Ora Marey escolheu a mesma altura para dirigir ao ministro uma carta que muito o honra. Ei-la:

«Há um nome que todos lamentam não ver na lista do juri da classe 12. «Secção Fotográfica», é o dum dos chefes da casa Lumière de Lyon, a mais importante de França e mesmo da Europa.

«Os irmãos Lumière não são apenas fabricantes e comerciantes de primeira ordem mas também sábios muito distintos. Inventores da Cinematografia, realizaram, ainda, importantes descobertas no campo da quimica e dedicam, applicam a sua fecunda actividade ás descobertas mais variadas. Seria difficil encontrar, para apreciar os diversos produtos da classe 12, homens de competência menos discutível.

«Por outro lado, as funções de membro de juri que V. teve a honra de me confiar, estão-se-me tornando muito pesadas por causa dos múltiplos deveres que um pouco imprudentemente aceitei. Presidente da Comissão de Higiene e Physiologia que, todo o verão, deve acompanhar os cursos de exercicios fisicos teve muitas vezes que optar entre funções incompatíveis. Substituindo-me por M. Louis Lumière, V. prestava um duplo serviço: ao juri, que ganharia em competência, e a mim, a quem seria possível acompanhar com maior utilidade os interesses da Educação Física e da Higiene, para os quais os meus trabalhos especialmente me prepararam.»

«Os meus detractores dizem que Marey, amigo dedicado, tinha uma pena fácil no capitulo das recomendações; que a sua amizade não o cegava mas que o levava a exceder-se quando queria convencer.»

São nítidas estas palavras. Houve sempre quem aquiescesse os criadores, porque foram eles quem deu o passo decisivo. Devemos esquecer os que, laboriosamente, humildemente, com todos os sacrificios e tôdas as angústias, permitiram que a Ciência atingisse um escalão que preparasse o seu advento? Seria injustiça escaldante. Mas não regateemos as homenagens que cabem aos que a fortuna fez nascer na hora própria para a vitória definitiva e cuja frente o êxito aureolou. Luiz Lumière não nega os serviços dos que trabalharam antes dele, como alguns destes — Marey, em primeiro lugar — não negam o beneficio colossal com que os dois irmãos presentearam a Humanidade.



Tarzan e a Companhia Jogam os damas, enquanto não os chamam para o trabalho

Mas a Aventura não desaparecera da sua vida. Adormecera... Tranqüilizem-se! E a mais bela de todas começou ali...

* * *

Com efeito, o seu marido, que é joalheiro, tem uns negócios infelizes. Renée Saint-Cyr, alguns meses antes, fora mãe. E resolve trabalhar, para que nada falte ao filho.

Todos lhe indicam o cinema, para tentar a sorte. Conhece artistas a realizadores. Ser-lhe-ia fácil obter recomendações. Mas aquele orgulho que a caracterizava faz com que se apresente só. Consegiu um «bout d'essai» a peso de ouro, em Nice.

E depois, meteu na mata a preciosa lata com o filme e chegou a Paris disposta a conquistar os estúdios.

* * *

Eis como a lenda pinta esta tentativa:

Renée Saint-Cyr apossou-se das mais belas joias do seu marido, para se enfeitar. Ao volante duma luxuosa «limousine» de doze cilindros, chegou à rua Francœur. Declarou ao porteiro que queria falar com o sr. Natan. O porteiro, deslumbrado com tal riqueza, inclina-se. As portas abrem-se e meia hora depois o contrato estava assinado. Ora a história é simples em demasia, embora miraculosa pelos resultados...

Punhamos as joias no cofre. tiremos seis cilindros do automóvel e tomemos o caminho de Joinville.

Foi lá que Renée se dirigiu, pois

(Conclui na pág. 14)

RENÉE SAINT-CYR



E A SUA AVENTURA DELICIOSA

RENÉE Saint-Cyr!
Evoquemos este nome. O que nos sugere? Uma linda face de creoula, de olhos de azevilhe. Uma voz cálida, cujas inflexões, graves, parecem o eco tentador do pecado. Uma figurinha gentil, *racée*, como raramente e encontra no cinema francês. Isto basta para nos seduzir e nos debruçar-nos curiosos sobre o seu passado.

* * *

Nasceu na Itália, sob o signo da aventura. A mãe era linda e nova de mais, para dela se ocupar. O pai nunca estava em casa, a seguir, na mesma terra. E foi confiada aos cuidados da tia, que criou, mas após outra, todas as crianças que a família lhe entregou.

Foi com esta tia que Renée Saint-Cyr viveu, até aos oito anos de idade, dando volta ao mundo a bordo de *La Joséphine*.

Porque ela teve um iate por berço e duas mães, duas mães — Victor e João — que morreram, anos depois, em um naufrágio no Pacífico.

Passava os dias inteiros no convés, estendida com uma camisola grossa e nas calças de flanela, como se fosse um rapaz.

Como a marinagem não podia tomar conta da garota, durante o dia inteiro, usaram-lhe um cinto de coiro e prenderam-na a um mastro.

Podia, assim, andar à vontade, numa liberdade que tinha qualquer coisa de selvagem, e, ao vê-la, ninguém podia furiosamente a compará-la com esses macaquinhos, vivos e ágeis, que os marinheiros fazem das ilhas.

Dêsses oito anos, ficou-lhe o perfume inefável das raparigas educadas ao ar livre, o gosto dos grandes horizontes, a aversão da evasão, e a angústia daqueles

que nasceram para a Aventura, e que o destino condenou a uma vida caseira.

* * *

Depois da calma do Pacífico, o ruído de Paris. Após a magia da Cruz do Sul, o panorama da rua Pergolèse.

Renée Saint-Cyr depressa se adapta. Vai experimentar novas sensações, descobrir mundos novos, que nunca sonhara: a escola e a rua.

Foi uma aluna brilhante. Conquistou prémios, menções honrosas. E foi a mais endiabrada das garotas da rua. Partiu vidros à pedrada, jogou o «football» e aos polícias e ladrões. Dela nasciam todas as iniciativas e tanto assim que os garotos lhe chamavam, sem respeito pela sua feminilidade: «a capitã»!
Um belo dia, sua mãe encontrou-a. Renée brincava «às corridas de quadrigas»... Conduzia, por um engenhoso sistema de rédeas, quatro fogosos rapazes, na ocorrência cavalos árabes...

M.^{me} Saint-Cyr fingiu não a reconhecer — tão envergonhada ficou. E Renée desculpou-se:

— Que quere, minha mãe? Eu, afinal, nasci para ser rapaz...

* * *

A seguir, Marselha.

É aí que ela acaba os seus estudos, onde aprende solfejo, onde se estreia como comediante, numa revista que monta com os seus camaradas do Conservatório...

Em Nice — encontra seu pai, ao tempo já divorciado de sua mãe.

E, um belo dia, Renée casa-se. Foi o período mais agitado e mais banal da sua vida: chás, jantares, galas, concursos de elegância, etc.

— A vida clássica das pessoas que dizem que se divertem.



Uma grande novela policial

se interessa o polícia? Não precipitemos os acontecimentos do novela. Serio reduzir todos os seus motivos de sugestão folhetinesco.

O desempenho é simplesmente primoroso. Reúne um núcleo de esplêndidos artistas, entre os quais se distinguem o fomsa vedeta Lione Haid, o inesquecível intérprete de **Não quero saber quem és...**; Gustov Diesel, que vimos no célebre obra primo de Pobst, **Quatro de Infanteria**; Paul Kemp, um dos maiores cómicos europeus do octualidade; o golunte Ery Bos; o correcto Fritz Odemor, além doutros como Max Schreck, Helmut Renor, Walter Holten e Lilo Müller.

Romance duma Noite é uma magnífico película de mistério que não se deve confundir com o trivialidade do que se tem estreado nas nossas telas. O luxo do sua realização, o categoria dos seus intérpretes, o simpatia que promano de tôdo o consecução do filme, o excelência dos seus valores técnicos, o beleza do suo



Um filme de acção e mistério

A título resume o promessa dum espectáculo admirável, atraente e de mistério. No verdade, o seu enredo, primorosamente conduzido por Carl Boese, é dos que nem um só instante deo de ogridhetor o público à suo consecução, esplêndido de movimento, pleno de espectativo e onde os peripécias e situações de bom humor se fundem num espectáculo em que se afirmam os mais altos qualidades de

imaginação que é possível condensar num filme. Eles justificam, só por si, o clamoroso êxito alcançado em tôda a Europa. A crítico teceu-lhe os mais rasgados e entusiásticos louvares, factu êste que constitui um seguro indicação dos valores e recursos que apresenta, como o espectáculo de avossolonte interesse.

A intrigo, que, de princípio o fim, constitui um primor de engenho, desenrola-se em volto do filha dum

chefe de polícia o quem o cosuuldade deparo o conhecimento com um rapaz, irresistivelmetne simpático, elegantíssimo, correcto e de porte distinto, e pelo qual se enamora, e, o tal ponto, que não sobe explicar, mais tarde, como pôde amor aquele homem tão culto e de tão esmerada educação e que é perseguido pelos agentes de seu poi. Será êle o autor do roubo dum colar de pérolas, por cujo descoberto tonto



fotografia e dos interiores, primorosamente iluminados, resumem atrações que colocam **Romance duma Noite** no nível dos grandes êxitos policiais.

ROMANCE DUMA NOITE



Mac Ardle (Wallace Beery), um marchante, que tinha fama de conhecer melhor que ninguém a costa chinesa e o arquipélago malaio. Mas enquanto correspondia às manifestações de Mac Ardle, o capitão observava os passageiros, prontos a embarcar.

— Diabo! murmurou. Acho aqueles pés grandes de mais para serem de chinesas.

Desmascará-los, foi um momento. Conforme pensara, estava ali um grupo de homens, vestidos com trajes de mulher. Com que fim? Claro, como água: a um sinal dado, atacariam a tripulação, para pilhar o navio.

Mac Ardle acercou-se dum deles e ciciou-lhe:

— Diz ao chefe que eu arranarei tudo, no decurso da viagem.

* * *

Gaskell regressava ao navio, triunfante, por haver descoberto a armadilha. De repente, estacou, corou, empalideceu, em breves instantes.

Uma linda rapariga, esbelta, formosíssima, vestida discretamente, embarcava, nesse instante, no seu navio.

— Sybil... Será possível?

Ela (Rosalind Russell) abriu-se num sorriso de felicidade e respondeu-lhe timidamente:

— Capitão Gaskell! Estou radiante por viajar no seu barco. Desde que Bert morreu, a minha alegria é em viajar!

— Enviuou? murmurou Gaskell diminuído pela emoção.

— Sim... Há poucos meses.

De longe, Dolly Portland observava-os. Se bem que a sua vida tumultuosa a devesse ter tornado insensível a estas coisas, Dolly era ciumenta. Pela primeira vez, amava verdadeiramente. E essa paixão não admitia que outras se atravessassem à sua frente. Desde que conhecera Allan, multiplicara-se para o defender das tentações doutras mulheres. Mas o seu instinto dizia-lhe que tinha ali uma concorrente mais perigosa do que todas as raparigas fáceis de Hong-Kong.

Quando Gaskell voltou à cabine, encontrou-a, explosiva:

— Agora percebo tudo! Não me querias a bordo, porque tinhas convidado essa inglesa, para te adotar as agruras da viagem...

— Cala-te! interrompeu Gaskell com brutalidade. Mistress Barclay não é uma

NOS MARES DA CHINA

SIR Guy Wilderming, administrador da Companhia de Navegação, decidira que, dessa vez, o oiro do correio de Singapura seria embarcado em Hong-Kong, a bordo do paquete de carga e de passageiros, comandado pelo jovem capitão Alan Gaskell (Clark Gable).

Era um chefe duro, este Gaskell. Os seus oficiais não gostavam dos seus modos bruscos, da mania da ordem e da disciplina, que conservara desde o tempo em que servira na marinha de guerra de Sua Graciosa Magestade. Além disso, abusava do «whisky» e era tremendo, com a sua pinga a mais.

Sir Guy Wilderming resolvera vigiar o carregamento, sabido que o caminho de Hong-Kong a Singapura é infestado de piratas chineses e malaiois. E, ao ouvido capitão, ciciou:

— Desta vez, o oiro segue na caixa de ferramentas do cilindro mecânico, que vai no convés. Sempre quero ver se eles o descobrem.

Gaskell sorriu e tratou de procurar, antes da partida, um substituto do terceiro oficial, que acabara de despedir. Depressa se lhe apresentou um candidato. Gaskell reconheceu-o. Era Tom Davids, um comandante que deixara massacrar a tripulação e pilhar o navio pelos piratas, em troca da sua vida. O capitão franziu as sobrancelhas, mas Davids implorou-lhe:

— Sei já o que está a pensar... Mas dê-me uma oportunidade de me resgatar. Quero, apenas, emendar os meus erros.

Gaskell sabia julgar os homens. Teve piedade daquela ruína, minada pelos desgostos e pelos remorsos, de trágicas recordações. E contratou-o.

Mal Davids (Lewis Stone) saiu, para ocupar o seu posto, uma loiraça, sorridente e provocadoramente bela, irrompeu no camarim de Gaskell. Este encarrou-a, proferiu um palavrão e zangou-se.

— Dolly! Tu aqui? Vais-me dar a alegria de te pôr a andar daqui para fora. Partimos daqui a um quarto de hora e não quero...

— ...Não, Toots querido!... volveu



CLARK GABLE

JEAN HARLOW

WALLACE BEERY

com uma voz animada a deliciosa criatura. Desta vez tens que me «gramar». Tenho bilhete e ninguém me poderá pôr a andar. Demais, gosto muito de ti e não vou, assim, com duas cantigas.

Gaskell amansou. Esta rapariga, amorosa, impetuosa e ardente (Jean Harlow), fora a sua companheira em Hong-Kong. Passara horas deliciosas com ela. Mas não lhe bastara o adeus que lhe fora dizer. Para que o perseguia? E resmungou:

— Está bem! Fica se quiseres. Mas provinote já. Não tenho tempo para te dar atenção. E ficamos cada um no seu camarim! E preferível.

Ela ficou amuada e, para poder vir de vez em quando ter com o capitão, deixou os seus cigarros no camarim de Gaskell.

* * *

Allan Gaskell foi acompanhar o embarque das mercadorias. Um homem-zarrão, de gargalhadas sonoras e gestos rasgados, bateu-lhe nas costas.

— Eh! rapaz! Então?... Contento por me ver?... Vou levar uma vara de porcos a Singapura e escolhi o teu barco, que nunca foi atacado por piratas!

Gaskell apertou a mão a este Jamesy



aventureira, mas a viuva dum dos meus antigos camaradas. Há muito que o conheço... e não esperava vê-la aqui. Pego-te que me dispenses de ouvir as tuas estúpidas reflexões — e trata de te pôr a andar...

* * *

Allan não dissera toda a verdade à impetuosa Dolly.

Seis anos antes, tivera por esta Sybil, de olhos de Madona, ardentes e límidos ao mesmo tempo — a mais louca das paixões. No entanto ela soubera salvar a honra do seu lar, porque Berl Barclay não merecia que ele procedesse de outra forma. E no entanto anava Allan também.

É este, um belo dia, pediu a sua demissão, para se empregar numa companhia mercante de Hong-Kong. Preferia fugir...

O regresso de Sybil ressuscitava o passado distante.

* * *

Dolly depressa percebeu o amor que unia os dois. A seu lado, os oficiais segredavam: «Parece que o Gaskell vai abandonar a carreira e regressar a Inglaterra, para desposar esta lady».

Sybil, na realidade, logo que enviou — tratou de descobrir o paradeiro de Gaskell, a fim de o desposar. Tinham finalmente o direito de ser felizes. E era essa a razão porque estava ali...

* * *

James Mac Ardlie, deslumbrado pela beleza de Dolly, ofereceu-se como apaixonado imediato... Mas este brutal não tentava nada a pobre rapariga. Dolly bebia até mais não para esquecer. E a embriaguez tornava-a odiosa.

A mesa, contrariava Sybil. Mrs. Barclay sorria, com altivez.

«É preciso que goste muito dele... par se relaxar assim», disse-lhe, certo dia.

Esta réplica sangrenta exasperou Dolly. Para arrelhar Gaskell, fingiu aceitar a corte de Mac Ardlie.

* * *

Uma noite, o tufão soprou com fúria, ameaçando subverter o barco, nos vagalhões enormes. Gaskell, de repente, deu o alarme:

«O cilindro!... Depressa... Partiu-se a corrente».

Livre, a pesada locomotiva, rolava no convés, dum lado para o outro, ao sabor do balanço terrível, que sacudia o barco de pés a pés. Os passageiros chineses da terceira classe corriam o risco de serem esmagados por aquele triturador. Gaskell correu para o local do sinistro, com os seus oficiais. Só, Tom Davids, paralizado pelo terror, ficou como que pregado ao solo, sem acorrer em defesa do seu chefe. Gaskell e os seus oficiais conseguiram prender a máquina. Tom Davids estava irremediavelmente perdido. Em Singapura, Gaskell despedi-lo-ia.

Inconsciente do perigo terrível que o barco corria, Dolly jogava as cartas na cabine de Mac Ardlie. Para evitar que este a atormentasse com as suas propostas de amor, tinha-o embebado, até o ver, a seus pés, no solo. Antes de o deixar partir pagou-se do que ele lhe devia, por ter perdido ao jogo. E tratou de se apoderar da carteira.

De súbito, as mãos tremeram-lhe, de espanto e de terror. Numa das algebeiras, havia-lhe encontrado metade duma nota de 10 libras, recortada de forma especial: o sinal de reconhecimento dum chefe pirata em missão.

Desorientada quis fugir, para prevenir o capitão. Mas Jamesy, despertado, em sobressalto, por um balanço mais violento, apercebeu-se imediatamente da situação. Loucou de raiva, lançou-se sobre Dolly, que escondera no seio o fragmento da nota, roubado.

«Dá cá isso, miserável! Escusas de fingir que não sabes ao que me quero referir. Com este temporal, posso-te lançar impunemente pela borda fora! Mas é melhor outra coisa... Faz-te minha

aliada... Fiearás rica nesta viagem... Podes tirar uma vingança soberba desse idiota do Gaskell.

«Mas toma tento! Livra-te de me trair! E de hoje para o futuro, proíbo-te de te aproximares do Gaskell».

Trêmula de medo, Dolly fingiu estar de acordo. Mas de madrugada correu ao camarim de Allan, para o prevenir: «Cavir, Toots! Tenho coisas graves a revelar-te».

«Sim... Sim... Mais um pouco idiota. Põe-te a andar daqui. És uma miserável. És digna desse marchante de porcos...»

As injúrias e o tom em que Gaskell lhe falou irritaram-na, sobremaneira. Com uma voz torturada pelo desespero e pelo ciúme, gritou-lhe:

«Maço-te muito! Pois bem! Há-de-te arreprender. Juro-te».

Ao sair da cabine foi agarrada por Mac Ardlie, que, julgando-se traído, queria estrangulá-la. Mas ela pôs-lhe diante dos olhos, com um sorriso satânico, algo que roubara do quarto do capitão: «O quê?! A chave do arsenal! És uma heroína!»

* * *

Alguns instantes depois, na 3.ª classe, fazia-se, entre os chineses, uma larga distribuição de armamento.

Em breve, os tiros soaram dum extremo ao outro do navio. Os passageiros, aterrorizados, foram enclausurados no salão e guardados à vista, enquanto o chefe indigena dos assaltantes se dirigia à sala dos oficiais.

Desde o início do ataque, e da abordagem dos piratas, que logo se seguiu, Tom Davids ficara ferido, lutando sempre. Com a cabeça atingida, as pernas quebradas, foi atirado para um canto. O chefe, um malaio, mandou trazer à sua presença Alan Gaskell. Este, depois de se ter assegurado, por um hábit estratagemas, que nenhum indigena compreendia o inglês, gritou na esperança de ser ouvido por qualquer dos seus homens.

«Lorram à minha cabine. Tenho bombas no cofre. Tragam-nas aqui».

Tom Davids e outro oficial ouviram. Os piratas intimidavam o oficial indigena. E foi Davids quem procurou salvar a situação.

«Irei eu! murmurou Davids.

Entretanto, como Gaskell e o chefe malaio não se entendessem, houve alguém que sugeriu que se chamasse Mac Ardlie para servir de intérprete. O facinoroso esperava esse instante, para assumir a direcção dos «trabalhos».

«Capitão! Os homens sabem que este navio traz oiro a bordo. Prometem-lhe a vida, em troca do oiro».

«Está bem! Abram o cofre, disse Gaskell com um sorriso.

Esperava apenas ganhar tempo, enquanto as bombas não chegavam. E ele sabia que Davids não podia ir depressa. As caixas encerradas no cofre estavam cheias de areia! Mas Ardlie protestou: «Estes malaio não estão dispostos a ser enganados. Tenha cuidado! Eles vão-no torturar. O torneque malaio é um suplício terrível. Ficarás coxo para toda a vida! Fale... Depressa».

Como as bombas custavam a chegar! Gaskell sentado numa cadeira, teve que suportar o suplício horrível que lhe fazia estalar os ossos dos pés. Duas vezes desmaiou. Mac Ardlie fê-lo reanimar, na esperança de que ele dissesse qualquer coisa. Mas acabou por se convencer:

«Se houvesse oiro, ele teria falado. É porque as caixas foram embarcadas noutro navio».

E deu a ordem da partida. Quando voltou a si, percebeu que Davids se arrastava com o saco das bombas.

«Obrigado, Davids... Atira uma bomba sobre o junco dos piratas».

Davids afastou-se. Dispôs o mecanismo e do alto da balaustrada e caiu no junco com a bomba que pulverizou a pirataria e o seu reduto.

Morreu como um valente. Resgatou-se.

* * *

Por muito estranho que pareça, as coisas precipitaram-se. Mac Ardlie, per-

dido, fez justiça por suas mãos. Bebeu uma poção venenosa, que trazia consigo.

Sybil Barclay voltou para Inglaterra. Percorreu 20.000 quilómetros para o encontrar. Mas Allan foi sincero. Anava a pequena Dolly. Só ele a podia levar, no processo que lhe ia ser movido, como conivente na conspiração de Mac Ardlie. Sybil compreendeu. Era uma desculpa. No fundo, a mulher de quem elle gostava era dessa Dolly. Impetuosa, viva, ardente!

E Dolly quando soube de tudo, aliou-se-lhe ao peçoço reconhecida.

«Vais casar comigo!... Que bom!... Vais ver como, de hoje em diante, seerei uma pequena bem educada».

O oiro estava salvo. Gaskell, da ponte do comando viu Dolly, entre dois polícias, afastar-se radiante, e com a certeza plena de que, daí a dias, estaria nos seus braços e deixaria de ser a boneca de Hong Kong para se tornar na Mistress Gaskell.

Renée Saint=Cyr

(Conclusão da pág. 11)

ouvira falar nos estúdios da Paramount, como os mais acessíveis. Por eugano, conduziram-na aos de Pathé-Natan. Foi Mr. Gargour quem a recebeu. Mandou projectar a prova, surpreendido com o tom confiante e categórico da candidata. E soube ver, através daquela prova mediocre, a artista que ali estava. Nesse momento, precisamente, buscava-se uma artista que pudesse encarnar o papel da irmã de Kosiue Deréan, nas *Doas Orfãs*.

A Providência guiara Renée Saint=Cyr.

O resto já sabem: apareceu numa dezena de filmes, revelou-se em *Toto*, de tal forma que René Clair a escolheu quando quis realizar *O último milionário*.

* * *

Mudou muito?... Não cremos.

É a mesma rapariga, com excelentes qualidades viris: energia, franqueza e coragem.

Continua a ter o mesmo amor pelo estudo e pela vida descuidada de outros tempos.

Os rapazes, com quem ela brincava na rua, cresceram muito. Os jogos são outros, agora. É preciso alguma coisa mais do que um cordel, armado em rêdea, para os dominar e para os dirigir. Mas temos a impressão de que Renée Saint=Cyr não deixou ainda de ser «a capitã» e que continua a fazer tudo o que quere.

Quando ao seu gosto pela Aventura nunca a abandonou.

Gostaria de viver mais intensamente, numa mutação continua de pessoas e paisagens.

Feliz e insatisfeita, sente-se na vida como no iate — livre e presa, ao mesmo tempo.

B. F.

Rainha da Hungria

A grande marca de produtos de beleza para peles namais. Embelezam, rejuvenescem, pralongam o macidade.

Academia Científica de Beleza

Av. da Liberdade, 35

Telf. 21866 LISBOA



Mais Dinheiro

Para as Senhoras que Trabalham



Dactilógrafa

É difícil avaliar diferenças de competência entre muitas concorrentes, mas um bom aspecto convida sempre a um juízo favorável. A escolha de um pó de arroz é de uns assuntos mais sérios para as senhoras cujo trabalho apenas permite consagrar pouco tempo ao seu exterior. Elas não podem ter feições nari- zes brilhantes e peles gordurosas. Uma aparência de desmazelo diminui-lhes as possibilidades de e ganho. Por causa da «mousse de crèmes» que contém, o Pó Tokalon conserva-se até que as lavagens o arrastem. Suprime o luzidio, impede a obstrução dos poros, actua como um tónico da pele, e o granulo e a cor são tão perfeitas que parecem absolutamente naturais. Experimente o Pó Tokalon e constate, em si mesma, a beleza nova e surpreendente que lhe dá imediatamente a seu rosto.



Empregada



Os compactos Tokalon contém agora a «mousse de crèmes». O Pó e o Rouge são ambos muito aderentes. Qual- cossa de novo, de diferente, de melhor!

A venda em lojas das perfumarias e boas casas da especialidade. Não encontrando, escreva à Agência Tokalon (Secção C. P.) — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende, sem demora, qual- quer pedido da Provincia.

CINE - JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO

Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas. L.da

Redacção e Administração: T. de Condesse do Rio, 27

Telefone 2 1268 e 2 1227

Comp. Impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), L.da

Trav. de Condesse do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano 48900

25 6 meses 24900

12 3 meses 12900

Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano 69900

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

Matinée de "CINE - JORNAL"

Cupão N.º 2

apresentado na Administração do jornal "CINE - JORNAL" da Rua da Assunção, 88, Lisboa, em 27 de Junho de 1938, com o qual se dá o direito de assistir ao teatro, de 10 a 12 horas, em bilhete, entregue pela Matinée da "CINE - JORNAL", no nº 1280.



MAZURKA

Argumento

Aproveitando uma pequena viagem de sua mãe, a jovem Lisa, trava conhecimento com o célebre pianista Grigori Michailon, que está cuimorado de acta, a-pesar-de ser muito mais velho. Sos, num camarote de um «cabarete», mal se apercevem dos números que se exibem. Mas a cantora Vera, ao encarar com eles, sofre uma forte comoção e desmaia. Michailon pretende arrastar Lisa para outro local, onde não se preocupem com eles.

quando vão já para sair, surge Vera, que dispara dois tiros de revolver sobre Michailon.

Durante a audiência, Vera obstina-se em não dizer os motivos que a levaram a praticar o crime, mantendo-se num rigoroso silêncio. A sentença que a espera e de 15 anos. Mas eis que a poetisa traz uma mata à qual ligu grande importância, pois contém papéis e correspondência da cantora. Aterrada, Vera, afirma que confessará tudo, mas pretende que a audiência seja secreta. E então conta a sua vida. Conheceu Michailon, há muitos anos, quando era uma artista célebre. Mas o seu amor pelo capitão Kieron, com quem esteve para casar, fizera-lhe repudiar as propostas de amor do pianista. Depois de casar, Vera abandonou a sua profissão para se dedicar inteiramente a seu marido e à sua filha. Vem a guerra. Kieron parte e Vera leva uma vida verdadeira clausura. A conselho de seu médico resolve assistir a uma festa de caridade, onde encontra Michailon e os seus antigos companheiros de trabalho. Em homenagem à reparaçãõ da cantora, organizam uma pequena festa em casa de Michailon. Pouco habituada a beber, Vera fica completamente atordoadada e pede a Michailon que a acompanhe a sua casa. Mas na manhã seguinte, quando acorda, vê que está no quarto do pianista e não no seu.

Kieron regressa ferido da guerra e nota com estranheza a mudança de sua mulher.

Michailon, valendo-se da sua indigna acção, pretende alienorizar Vera, escrevendo-lhe cartas comprometedoras. Resolvida a pôr termo a uma situação insustentável, Vera acede em ir a casa dele, a fim-de gritar-lhe que o seu desprêzo é tão grande como o amor que tem a seu marido e à sua filha. Por êles, está resolvida a tudo. Mas, quando sai, esbarra com Kieron, que a supõe amante de Michailon. Uma viagem precipitada deste mais acentua as suas dúvidas. O divórcio é decretado e Kieron fica com a sua filha. Vera é obrigada a aceitar contratos em «cabaretes» de segunda ordem para não morrer de fome. Toda a sua esperança é voltar a ver a filha, cujo paradeiro ignora.

Passam-se longos anos. Um dia, chega a uma cidade e depara na lista dos telefones com o nome de Kieron. Corre a sua casa com a esperança de ver a filha. Mas é recebida pela segunda mulher de Kieron que lhe participa que seu marido faleceu há três anos.

Vera diz-lhe que conheceu, em tempos, Kieron e a sua primeira mulher. E então a outra confessa-lhe que Lisa supõe que é ela a sua verdadeira mãe. O pai nunca quis dizer-lhe a verdade. Vera compreende que não tem o direito de estragar a vida da sua filha. E resolve partir, depois a ter visto. Mas, nessa mesma noite, enquanto cantava o seu numero, depara com Michailon e a sua filha, num camarote. E então que resolve matar o homem que fez a sua desgraça e pretende fazer a da filha.

E exige audiência secreta porque não queria que a sua filha soubesse lóda a verdade. Condenada a uma pena minima, tem a suprema alegria de ouvir dos lábios de sua filha, palavras de agradecimento e de ternura.

QUE é, ou quem é Boccacio? A resposta que obteríamos a esta pergunta bem simples... Que é ou quem é Boccacio, varia de pessoa para pessoa. Uns diriam simplesmente que não têm a certeza, mas... Outros responderiam com conhecimento de palcos e plateias, que Boccacio não é mais que o nome de uma opereta famosa de Franz von Suppé. E os outros, os entendedores, contestariam com um piscar de olho, que Boccacio é o nome daque engraçado que escreveu umas picantes historietas amorosas que se lêem por esse mundo fora.

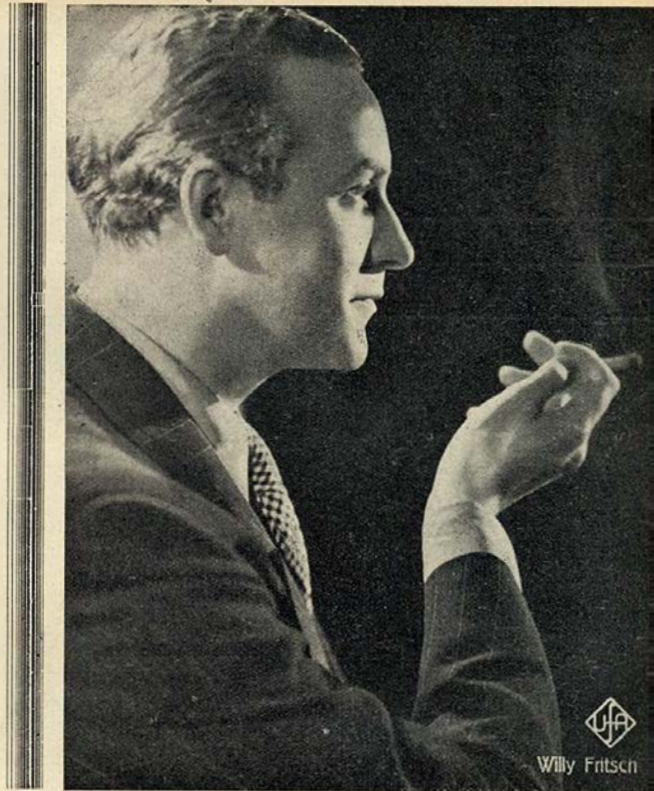
Só duas pessoas responderiam de maneira completamente diversa, e essas duas pessoas são o Dr. Walter Forster e o Dr. Bury, autores do argumento do novo filme da Ufa, que terá justamente o titulo de «Boccacio». A história cinematográfica que os dois autores preparam seria uma verdadeira surpresa para o célebre novelista da Renascença, se êle um dia descesse à terra, para vêr o seu nome num filme. Não, desta vez não se trata de filmar uma opereta de Suppé, nem de conlar na tela uma daquelas histórias do Decameron, que fazem as pessoas candidas córar de pejo. Pelo contrário, neste argumento é o próprio Boccacio que aparece, num enredo bastante ousado, mas que não tem nenhum ponto de contacto com as novelas que êle idealizou.

Êste abandono de tudo que seja esquemático, de tudo que seja literatura, êste processo de dar largas à imaginação, procurando novos rumos e novos horizontes, é qualquer coisa que só por si merece elogio e aplauso. Porque será que conhecemos os grandes homens do passado sómente através do prisma das descrições biográficas? Pois não será melhor, e decerto mais dverlido, quebrar êsse prisma e contemplar o passado com os olhos de uma imaginação ardente? A verdade histórica, já para não dizer a verdade psicológica, nem por isso seria prejudicada. Antes pelo contrário.

* * *

Para os autores do novo argumento cinematográfico, o desembargador Boccacio era um homem como qualquer outro, e é assim mesmo que êles o vêem, muito embora acentuando as suas excentricidades. A história que os argumentistas contam é pouco mais ou menos a seguinte:

Boccacio era um jovem bastante inteligente, cujas dívidas e peripécias amorosas o levaram um dia à cadeia, de onde se escapou para pouco depois aparecer em Ferrara. Corria o ano de 1350. Boccacio, que trocára o seu nome pelo de Petruccio, por uma questão de prudência, arranja colocação, como escrivão do Tribunal, e faz com a sua esposa Fiamella, uma vida burguesa e pacata. De vez em quando, escreve coisas bastante espirituosas, mas que ninguém lê. O editor, se é que nesse tempo havia editores, pedia-lhe histórias sensacionais, com público certo e aconselhava-o a procurar estôfo para as novelas nos depoimentos e quejandos papéis do Tribunal. Foi assim que se fizeram as primeiras novelas de Boccacio (nome com que êle as assinava a-pesar-de ler adoplado o de Petruccio), novelas essas que provocaram em Ferrara uma sensação só comparável à de uma bomba que explodisse, em plena praça pública. Foi um sucesso. As mulheres, principalmente, sem conhecerem o autor, teciam-lhe os maiores louvores, chamavam-lhe o poeta do amor, sentiam-se apaixonadas por êle, porfiavam por conhecê-lo, mas ninguém sabia que era o Boccacio. Até Fiamella, a própria esposa, passou a sonhar com êsse poeta máximo, que lhe contava coisas ternas, e começou a sentir-se esquecida, abandonada pelo marido... porque o desembargador chegava a casa tarde e cansado, o que não admira, porque passava as noites no poeirento arquivo do Tribunal à procura de assuntos para as suas novelas. O pior é que o caso entretanto complicava-se porque aqui e ali apreciavam falsos Boccacios, que aproveitavam a seu modo as paixões das enamoradas senhoras de



CARTA DE BERLIM

A HISTORIA DE "BOCCACIO,"

um filme picante...

Ferrara, e que de noite andavam pelas ruas d'olhando bananovins.

E no entanto, circunstância curiosa que os argumentistas souberam aproveitar: o verdadeiro Boccacio, o próprio autor das novelas permanecia como que isolado, considerava-se mesmo incompreendido, e retraía-se cada vez mais do borborinho da sociedade. Contudo, é êsse retraimento que torna a questão mais confusa. O Duque repara nesse funcionário respeitável e sério, e resolve nomeá-lo para um lugar de Juiz. E a primeira ordem que o Duque lhe dá, é a de castigar êsse escritor desconhecido, que anda revolucionando com as suas historietas os pacatos habitantes de Ferrara. Quere dizer: êle terá que castigar-se a si próprio.

Entretanto a cidade pergunta em vão: Quem é Boccacio? E o único indício que existe dêle é um gôrro, que aparece na mesa do juiz.

E, pois, uma verdadeira comédia de confusões, no estilo de Shakespeare que constitue o fecho do filme, uma comédia em que se baralham as figuras de

Fiametta com o Duque, de Petruccio-Boccacio com a galante Duquesa, e até os falsos Boccacios uns com os outros. Não se deixando, é claro, de acentuar o valor de Boccacio como novelista.

Êste aplauso em favor do escritor, juntar-se-á decerto o aplauso do público pelo filme que descreve a sua vida. O argumentista é aliás o que há de mais gracioso, delicado e galante, e fazendo o elogio de Boccacio, salienta a sua modestia que contrasta flagrantemente com o «eglo candente» das suas histórias de amor.

Mesmo as cenas mais livres não deixam de ler a nota espiritual que percorre todo o filme.

Música também não falta, tanto mais que será um filme manivelado no estilo de uma opereta. Franz Doelle, a quem se devem tantas formosas melodias, será o compositor da música para êste filme. Willy Fritsch faz o papel de Boccacio, Heli Finkenzerler é a Fiamella.

Berlim, Março de 1936.

M. B. SANTOS E SILVA

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 24 — 30 DE MARÇO DE 1936 — SAÍ TODAS AS SEGUNDA-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



Neste número: Como assistir, de graça, á «Matinée» de «CINE-JORNAL» no São. Luiz!